



# Galileu



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Pôrto—Paço do Sousa  
—Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 626-Pórt

## Ainda o amor do LIVRO DE OIRO próximo

Era uma quinta-feira. Talvez por ser este o dia em que os pobres ali pedem, é que eu topei um rôr deles caminho em fóra. Todos traziam de semblante o atestado de pobreza. Ninguém se enganava dando-lhes esmola, mesmo que o seu intento fôsse enganar.

E' um espectáculo de todos os tempos, a bicha do pedinte. Feiras, romarias, estradas—Olha, tão aleijadinho! Fátima, em dias de grande movimento, redobra. A gente senta-se para comer o farnel e eles também! Isto é o que nós observamos. Mas serão de facto, caminhos e arraias, os lugares adequados para socorrer pedintes?

Por muito se facilitar este estado de coisas é que tantos se entregam à vida facil do pedinchar, a pontos de deixarem grandes peculios escondidos nos farrapos. E assim é que pela nossa incúria fomentamos estes males, com a agravante de os tomar à conta de um bem: —tome lá, coitadinho!

Se me fôsse permitido dar uma opinião a este respeito, eu diria que não. Nunca dei nada nos caminhos sem saber a quem e da mesma sorte, à porta das nossas casas. Quantas pragas não tenho ouvido? Que de vezes maisnado? Não importa. O conhecimento da verdade, leva-me a repudiar a mentira.

A indigencia dos nossos irmãos é coisa tão santa, que não deve andar pelas praças nem ser nas praças atendido. Eles mesmo, os pobres, seriam mais amigos de a esconder, se nós tivéssemos o zelo de a procurar. Sairiam menos vezes, se nós entrássemos com frequência em suas casas. E' o aparato no nosso dar que necessariamente cria a mesma coisa no pedir deles.

Mas é há uma terrível verdade acerca dos pobres, e é que os havemos de ter sempre à nossa beira. Eles são um bem necessário; eles, os que fornecem a matéria no supremo tribunal, quando o justo juiz vier pedir contas a cada um. Não pode-

mos passar sem pobres, tão pouco passar sem olhar para os pobres.

Da compreensão desta verdade eterna, depende a nossa atitude perante os irmãos indigentes, mais a forma de os remediar. Ora vamos aqui um bocadinho à pedra, com licença dos alunos:

Primeiramente, há que formar no nosso espirito a noção da verdadeira igualdade, perante o esfarrapado que se nos apresenta. Ele é um nosso irmão. Tem o mesmo direito de viver. Este sentimento é uma continência que se faz ao Pobre. Dá-nos uma grande humilhação interior, vergonha de termos tudo e éle, o nosso irmão, nada. Não há mão que tenha coragem de ir ao fundo do bolso pelo misero tostão. Eu cá tenho pudôr. Fujo dos pobres nas ruas, por muito os amar!

Remediá-los, pois, em suas moradas; e esta é a primeira parte da nossa lição. A segunda parte, está na organização.

As freguesias, são os nucleos indicados para a forma ordenada de bem servir o Pobre. Paulo de Tarso, começou. Quando por lá andava, fazia peditórios para as cristandades que deixava atrás de si. Ora as paróquias, são as pequenas cristandades dos nossos tempos. São organismos formados: confrarias, irmandades, associações — eis o corpo. A alma é o pároco. Este é o primeiro servo.

O povo das nossas aldeias não faz contas ao que dá, quando sabe e vê para o que é. Por meio das confrarias já organizadas, devia cada uma e todas as paróquias da nossa terra, atender às necessidades materiais dos indigentes; dos indigentes da sua freguesia. A papa está feita. Muitas irmandades são seculares. Não há aldeia que a não

tenha. Na letra dos estatutos pode muito bem subintender-se a clausula de dar de comer a quem tem fome, se ali não vier explicita, pois se ela é a chave do Céu! Para que servem as confrarias, se não trazem na primeira linha o bem eterno dos seus confrades? Opas são opas!

As coisas postas com esta simplicidade são resolver o problema. Dentro de pouco tempo, o pobre da freguesia perdia a autoridade de entender a mão fora dela.

Educava-se, pela justiça que se lhe fazia dentro da sua própria casa. A humilhação até aqui nossa, pelo ver esfarrapado, passaria para éle, se atemasse em pedir nos caminhos aos que se propuzeram socorrê-lo dentro de suas casas.

No caso do moicante da pedincha, do teimoso vagabundo, esse num instante se liquidava com a esmola que merece. Vá pra sua freguesia! os que podem dar, teriam autoridade de falar assim. A organização, reclamava estas atitudes.

Mas quê; não se faz assim.

Nós gostamos de vêr as bichas dos pobres, para fazermos paradas deles nas grandes festas.

E' uma exigência do chiquismo de dar. Por outro lado, também nas paróquias existem, em regra, coisas mais serias do que o problema da pobreza: o cartório. Ora a Igreja é uma sociedade de fiéis. Evangelizar os pobres, foi missão do seu Fundador, logo missão da Igreja. Mas o Pobre, para ser convenientemente evangelizado, precisa de comer. E' até, pelo estomago que a doutrina penetra nas almas. D'aqui nasce que os chamados inimigos da Igreja nunca o são das suas obras. Gostam de ver e só depois é que começam a gostar de ouvir.

Confrarias, Irmandades, Associações, Misericórdias; obras eminentemente sociais. Obras da Igreja. Código do verdadeiro amor do próximo, nascido e criado nela, tudo se perdeu! Agora é o código administrativo a riscar.

Culpa de quem? E' muito mais facil imputar do que admitir!

P. S.—Se houver alunos de boa vontade, tornaremos à pedra com esta mesma lição.

Não os temos nas nossas casas. Correriam o risco das garatuhas da nossa tropa, pois se eles estão em toda a parte! A maquina de escrever, o rádio, o telefone, o kodak,—nada disto tem escapado à furia da curiosidade, quanto mais não estaria exposto o tal livro de delicias! Não temos. Porém, quero fazer hoje aqui um livrinho de ouro. Não é homenagem à obra. E' a sinceridade de uns Visitantes que cá estiveram e que lá de muito longe, escreveram:

«Lição do mais puro cristianismo, que nesse abençoado ambiente todos podem colher, desde que tenham olhos que saibam vêr e alma capaz de sentir».

Essa obra é «qualquer coisa de tão inacreditavel que é preciso vê-la directamente, para nela se acreditar».

Estes os que falam. Quantos não guardarão na alma conceitos semelhantes, que se não escrevem nos tais livros de ouro, porque mais valor tem o silencio!

## Nota da quinzena

O Modesto, aquele simpatico moço, da Cabine da Povoá de Varzim, fez questão de que eu falasse na praia, e assim aconteceu. A's cinco horas, foi dado o aviso. Imediatamente às dele, seguia a minha palavra.

Durante um quarto de hora, o pequenino filho de ninguém, abrigou-se em cada um dos corações da enorme multidão ali presente. Chorou no abrigo, de contente. Choraram ao vê-lo assim, de tristeza, todos quantos o abrigaram.

Aquele quarto de hora falado, seguiu-se outro de silencio. A multidão, comovida, veio dizer que sim. Vinha em passos humildes, lacrimosos, sinceros. Tinham visto a Paixão da Cruz no pequenino crucificado.

Pareciam notas, o que davam, e não eram. Era mas era dôr do coração.

Homens do campo, senhores da cidade, pescadores da terra — tome lá, por um filhinho que eu tragc perdido: uma poveira vestida de dô. Trago-o perdido. Noutros tempos, diria do mesmo filho—trago-o no ventre. As Mães trazem sempre os filhos.

Foi uma hora magoada. Eu estava à porta da cabine, saca na mão, no meu posto de servo dos Pobres, que força nenhuma desbanca. Contou-se. Sete contos redondos.

São assim as autenticas festas da caridade. Caridade que promana da Cruz, espinha da Igreja, vida das almas. Caridade, força estupenda que produz cataclis-

8/1/45 Este tudo feito

# NOTÍCIAS DIVERSAS

## Noticias da Casa de Miranda

por João Carlos

**A** GORA, que andamos em maré de peditórios, a tropa vem-me esperar às chusmas, curiosa:

- Então; correu bem?
- Fêz bom negócio?
- Traz muito minério?
- Cairam na lata?

São perguntas alegres, familiares, um nadinha irreverentes, sim, mas muito amigas. Eu respondo no mesmo tom. Não lhes escondo nada. Dou-lhes contas. Lhes, a êles.

**E** STEVE aqui há dias uma família de Setúbal. Demoraram-se, com papel e tinta, a cogitar nomes de possíveis assinantes.

- Olha mais fulano.
- Sim, e mais sicrano.

Depois de bater ruas e portas, deixaram ficar, amavelmente, o nome de 80 setubalenses. Despacharam-se «Gaiatos» mas poucos abriram a porta, muito poucos; menos de metade. Rainha do Sado? Acho pompa de mais!

**E** M o dia dezoito de Agosto findo, entraram dezoito dos nossos Rapazes numa das vivendas da nossa aldeia. Durante o dia, a costureira ocupou-se em preparar as coisas com o auxílio de uma escolta dêles. Não se sabia quem eram os felizes ocupantes. A curiosidade bailava: *eu também vou?*

As horas encandesciam, à maneira que a noite se aproximava: *ande, diga se eu estou na lista!*

Fêz-se a ligação. Montes de luz saíam pelas janelas. E' lá no alto, no mirante, como chamavam os antigos monjes ao sítio onde hoje se ergue a casa.

Ah! Linda, exclamava o Gari, a esfregar as mãos de contente; *parece-me que estou na lista!*

Achei cruel fazê-los esperar mais tempo. Chamo os dois chefes, um de cada piso. Estes têm o seu quarto distinto dos subditos. São êles, Rio Tinto do andar fundeiro e Fernando, do cimeiro. A seguir, nomeio solenemente:

Pepe de Espanha, Bártofo de Leiria, Celso de Vizeu.

- Esse não.
- Não! Porquê?
- Faz chichil!

Mário do Pôrto, Jerónimo de Vidago, Veiga (?), Maximiano de Abrantes, Gari do Pôrto, Claudino de Gaia, Raúl de Paços de Brandão, Filipe do Seixal, José Sá do Pôrto, Gregório do Fundão, Joaquim de Rio de Moinhos, Amândio do Pôrto, Daniel de Paços de Brandão, Machado de Fafe.

- Esse não.
- Então que há?
- Também!...

Pede-se aos visitantes uma vista de

mos na natureza; o sol escureceu, o véu do templo rasgou-se, as sepulturas abriam fendas e muitos mortos ressuscitaram!

E também produz cataclismos nas almas: — *Dantes era crente, mas tratava a Jesus como um patrão que mora nas alturas. Mas hoje Cristo falou-me; mandou-me sofrimentos. Encontrei-;* — como vem na carta do Zé Refilão. Isto, sim, que é Caridade.

Meus senhores e minhas senhoras; eu não tenho a fobia das festas, como alguém disse que a tenho do zarcão. Não a tenho de uma coisa nem da outra. Gosto; acho bem que o mundo se divirta e que reluza. A alegria é uma função do espírito. O que eu não gosto nada, mesmo nada, é que se pretenda dar a Deus aquilo que é de Cesar. Isso é que não está certo, e é isso que acontece com as patuscadas de caridade.

Recados a quem por mim perguntar e cá estou para ouvir as vossas notícias.

olhos à casa agora ocupada e notem as flores, de que êles já não prescindem! Vejam a pequenina mobília que os dois carpinteiritos fazem. Abram os roupeiros. Notem o bom gosto.

**A** NDAMOS ocupados com o nosso linho. O Fernando, há três dias que vai de manhãzinha para o engenho, chegar mãos-cheias dêle ao engenheiro. «Dizem lá que nunca viram linho tão «branco como o nosso» — foi o recado que o Fernando teve para me dizer, hoje de tarde, à hora do regresso. Talvez seja dos olhos do rapaz; as nossas coisas parecem mais lindas!

Daremos conta, a seu tempo, dos trabalhos por onde o linho há-de passar, até ser medido e cortado à vara. Os farrapos de ontem, vestidos hoje de linho precioso! A mortalha de Jesus foi feita de linho! De linho, as roupas do altar!

**A** NDAMOS agora ocupados com a recolha das maçãs; cestos e cestos e cestos. Dantes, miravam-nas de longe nos sítios das vendedeiras. Hoje são dêles.

Tudo rilha maçãs, enquanto dura a colheita! Os *compadres* dão aos *compadres*. Os mais pequeninos, vão até junto das árvores, ver se é preciso alguma coisa!...

Os passarinhos, também comem; muitas estão picadas por êles! O sol, nas nossas casas, nasce para todos! Nós damos tudo a todos. Como pode dar contas aos homens, quem anda afeito a fazê-las somente com Deus?! Estas, são um débito perene. Nós devemos e devemos e tornamos a dever; devemo-nos aqui é que é!

**A** CABAM de ser nomeados cicérones da aldeia o Zé da Lenha do Pôrto, o O'scar do Pôrto — o Zé Eduardo também do Pôrto.

O Tiroliro, recebeu ordens, para ir chamar qualquer um, sempre que haja automóveis à vista, ou todos, se forem muitos os visitantes. Da mesma sorte recebeu instruções para dar parte de algum mais esperto, que goste de armar. As nossas coisas ficam assim em boa ordem. Espera-se que os Visitantes também se metam nela, não oferecendo nunca a qualquer deles a popular gorgeta. Eles teem ordem de aceitar tudo para a Casa e nada para si mesmo.

Por vezes aparecem aqui rapazes da rua, que fizeram seu estagio em casas ricas e de lá voltaram á rua. Estes tais, sofrem muito em nossas casas e fazem-nos sofrer. Fôra êle o vadio nú e crú, que bem depressa se afeiçoava à nossa vida. Mas não. O tal estágio estragou-lhe a bôca!

Aprendeu costumes, comeu coisas, conheceu vidas que não são dadas aos mortais da sua categoria.

Um destes, disse-nos há dias, no rôsto: *eu cá estive numa casa e não trabalhava.* Sabemos perfeitamente que não é por mal, sim, mas a verdade é que se faz muito mal às creanças, quando as colocamos em pedestais falsos. Não podemos fazer delas um brinquedo; temos de as preparar para a vida rial. Para a vida do seu próprio meio. A creança, assim afeita, não procura nem quer, amanhã, outra posição; aceita a sua. Ou êle haverá mais alegria na vida do E'pico que na do sapateiro? Não há. Um e outro são felizes no seu meio.

**T** EMOS mais uma vaca. Trouxe o bezerrinho e 12 litros afiançados; que beleza! Custou 4 contos. Isto foi num sábado e no dia seguinte, fui à Póvoa ver se arranjava dinheiro para ela. Arranjei, sim senhor — para quatro! Ou ela não fôsse vaca de dar o leite de graça a estas creanças!

Chamam-lhe a *vaca nova*, para a diferenciar das outras que já tínhamos. De tarde, vão os nossos com elas à sôga, a beber. Falam; dizem-lhes coisas. Fazem-lhes meiguices. Querem amar!

**A** nossa conferência vai admitir mais dois confrades; o Sérgio e o Pedro já começaram acompanhar-nos nas visitas aos pobres. Tem-nos dado alguns donativos como roupas, 20\$00 duma Senhora e 50\$00 doutra.

Em breve irá para o Seminário da Figueira da Foz um menino da conferência. Nós queríamos pagar-lhes as despesas até que aparecesse alguém que pague a Bôlsa de Estudos. Vamos ver se arranjam os

## DO QUE NÓS necessitamos

Mais 100\$ de Visitantes. Mais 60\$ e mais 100\$ e mais 50\$ idem. Mais 50\$ e mais 20\$ idem. Mais 100\$ idem. Alguns fazem-se assinantes. Que rico! Mais 20\$ e mais 5\$ outra vez visitantes. Mais 100\$ de Paço de Arcos para a conferência de S. Vicente de Paulo dos nossos rapazes. Mais 200\$ para os *mais pobres de todos os pobres do Porto*, de um outro Zé Ninguém de Lisboa. Este Zé, folga com a fundação da «Conferência» na nossa sucursal, cujos rapazes vão espalhar como êle diz a mensagem do Mestre — *Amai-vos, como eu vos amei.*

Mais de visitantes 200\$ e 150\$ do mesmo. Mais um vale de vinte escudos de um anónimo, de Lisboa. Mais 50\$ de visitantes. Outra vez de visitantes mais 20\$. Mais 10\$ e mais 10\$ idem.

Mais 100\$ de Lisboa; de visitantes 40\$ e 500\$ e 50\$ e 20\$ e 5\$ e 5\$ e 5\$ e 200\$ e 150\$ e 150\$ e 20\$ e 50\$ e 20\$ e 100\$.

**C** ONTINUAM os *guardas* a enxotar pardais das searas; são êles o Osvaldo e o Daniel:

Eh! ladrões  
Oh! pimpões  
Comeis tudo  
O's patrões.

**E** U peço muita desculpa de pintalgar hoje de rôxo o costumado alegre destas notícias. Deixai-me espreitar a candeia, para o mundo ver melhor, — que não tem visto!

Quando Leão XIII deu a carta magna das almas, predisse que o mundo iria p'ras chamas se ela não fôsse executada. Ninguém fêz caso. Era comida forte. *Durus est hic sermo.*

Não houve nem sequer um Pedro a perguntar ao Papa, como dantes Pedro a Jesus: *para onde; a quem havemos de recorrer?* Só o Papa tem palavras de vida eterna.

Ninguém fêz caso e as chamas estão aí!

Bevin quere. O mundo suspira. Eu cá digo que é tarde!

Havia de ter sido há cincoenta anos, quando o Papa falou!

**M** AIS um bocadinho de tinta rôxa. Ele é verdade que os cavalos não gostam muito que a gente os incomode, quando se encontram ocupados com as favas; não gostam, sim, mas não se pretende tirar a ração a ninguém. O que nós queremos é que cada homem tenha a sua. Pois o caso a contar, é o reparo que eu fiz dos semblantes de uma grande dúzia de prisioneiros alemães, postos em frente de um filme, onde passavam os horrores dos campos de concentração. A fotografia vinha em «O Comércio do Pôrto».

Oh tortura! Oh confusão!  
Estavam ali compungidos, magoados de ver o mal que fizeram aos seus irmãos. Nos homens nem tudo é fera!

dinheiro suficiente. No domingo quando fomos à Estação esperar o último turno das colónias, enquanto o combóio não vinha fomos ver a casa ao pobrezito da Estação. Agradeceram muito a nossa visita. A roupa que nos deram há-de ser para êles. O pobrezito do Vale Salgueiros continua cada vez pior. Já gastamos muito dinheiro em remédios que lhe compramos mas o mal não tem cura.

A Tia Inocência esteve há dias doente com dores de cabeça. Fomos-lhe lá todos os dias levar-lhe o comer. Agora já está melhorzita. A tia Tecedeira disse-nos quando lá fomos no domingo que tinha muita tosse e não ia à missa por causa disso mas rezava o terço por desconto. Há duas Senhoras na Ribeira que se interessam muito por uma pobrezita que nós lá temos. Disseram que haviam de falar com o Senhor P.º Adriano por causa de nós guardamos o dinheiro à pobrezita porque o marido apanha-lhe o dinheiro o gasta-o todo mal gasto.

O Secretário,

João Carlos Freitas

///

**M** AIS uma vez três meninos foram vender o jornal à Figueira da Foz. Vieram muito contentes porque lhes deram comer e doces. Pediram para que anunciassem o Gaiato no auto-falante do Turismo. Eles prometeram mas depois não anunciaram.

Um Senhor de Miranda pagou o bilhete ao Pôrto de Coimbra até Miranda e outro Senhor deu 20\$00 ao Albino. Venderam muitos gaiatos e trouxeram mais de 50\$00 de acréscimos e trouxeram conchinhas para o Tónio e para o Rui.

///

**F** OI-SE embora o turno das meninas e voltou outro de rapazes que são os últimos. Foram-se embora muito contentes. As meninas antes de se irem embora ainda fizeram uma festa a que assistiu muito povo. Este turno joga no próximo domingo com os gaiatos. Os lugares vizinhos têm dado muitas coisas de gêneros.

Quasi tôdas as noites fazem uma fogueira que com lenha que vão buscar à serra da Lousã. Às vezes dão tanta fruta que até chega para a Casa do Gaiato.

///

Camilo já há muito tempo, que andava quieto. Apanhou agora uma pulga na cama dêle e foi pô-la na cama do João. Este foi pô-la outra vez na cama do Camilo até que a pulga salta para o chão e êles nunca mais a viram. Por causa duma pulga trouxeram palavras até que andaram à bulha.

///

Venâncio anda sempre arreliar o ajudante dêle que é o Caréquita de nove anos.

Há dias estava a gritar muito e a Senhora foi à janela perguntar-lhe o que tinha — ai! E' o Venâncio que anda a aumentar que eu já namoro!

## De como foi a venda do fanosíssimo jornal

Para encurtar caminho, dizemos já que os nossos se dividiram por Espinho, Granja, Leça, Matozinhos, Foz, Pôrto e Póvoa, e que realizaram a venda de 1963 números com 694\$90 de acréscimos. Trouxeram um mar de assinantes e despacharam 20 dos nossos famosos livros.

Amadeu, à sua conta pôz a andar 527 jornais! Não é nada fácil tirar-lhe a camisola amarela! Ele chefiou o grupo da Póvoa; os outros eram o Fernando mai-lo Bernardino, ambos de Coimbra. Tinham recado de ir comer à mesma família onde antes estiveram: *Vocês não sejam pasmadinhos e apareçam*, foi a forma do convite, segundo o rapaz contou aqui: Pois tomaram o recado à letra e lá compareceram.

— Então que se comeu?

— Uma coisa com uma coisa lá dentro!

— Mas que coisa era? Não me soube dizer, e como os companheiros são da sucursal do Pôrto, não tenho aqui informações adequadas. Terá de ficar a vossa curiosidade em suspenso, como também a minha ficou.

Nos Hotéis da Torre e de S. Vicente, bem como na vila de Paredes, a venda foi muito falada. Figueira e Coimbra, venderam os de Miranda, como réza a crónica de lá. Eram 21 semeadores, naquêla dia. Os nossos rapazes, fazem escola e levam uma mensagem. Vão dizer aos companheiros de outrora, que cá em casa não se bate. Esta a mensagem. A escola, é a da confiança; confiança que nêles depositamos. E' a base da nossa maneira de educar. Confia-se-lhes a venda do jornal. Mandam-se sózinhos a tôda a parte. O Carlos, foi visitar sua avó a Tábuca.

Luciano e Constantino, foram a Coimbra em serviço. Levam dinheiro, com instruções de comer o que quiserem, onde quiserem. Nós sabemos que êles poupam; temos provas na mão de que êles escolhem o mais barato. Chegam a casa, dão contas.

Na hora das admoestações, em comunidade, pômos imediatamente a moção de confiança: — *não acredite que me desobedeçam*.

Claro que o rapaz não obedece às primeiras; não têm êsse hábito. Nem jámais o terá, se não fôr levado pela confiança! Não o espreitamos. Deixamos que êle se olhe; que se conheça; que se valorize. Acreditamos e êles acreditam. O alimento da sinceridade é a confiança.

Não costuma ser assim na educação da nossa mocidade, quer de burzeguins quer de pé descalço; não costuma. Há a desconfiança do rapaz. A base, é a desconfiança. Ele é vigiado, é espreitado, é acompanhado — uma *gestapo* de trazer por casa! O educando assim tratado esconde-se. Fecha-se. Paga-nos com desconfiança.

## Venha ver

**H**OUVE agora mesmo de me levantar e dar uma pequenina caminhada em detrimento dos meus afazeres; êstes dispersos, que te dão tanto prazer e a mim tantos trabalhos. Foi o Zé Francisco, o intendente das capoeiras. *Venha ver*. Eram os patos no lago cujas margens fazem, agora, as delicias da nossa tropa. Se a natureza morta deleita, que dizer da viva? E que dizer da própria vida? Vida *ab intus!*

## CRÔNICA

POR

DA NOSSA

JOSÉ

ALDEIA

EDUARDO

### POBRES DE CRISTO

Continuamos a socorrer os nossos quatro pobres qual dêles o mais necessitado. O de Bairro já é muito velhinho e mal pode andar. O de S. Lourenço na mesma. A sr.<sup>a</sup> Glória também tem estado muito doente. A do Leal já é também muito velhinha. Já recebemos a cama para o pobre de S. Lourenço e muito obrigado a quem a deu. Ainda não se lembraram de mandar a roupa para os filhos da do Leal e para ela. Pedia muito aos queridos leitores se não esqueciam destes pobres tão necessitados.

///

Todos os domingos vamos tomar banho ao rio Sousa num lugar onde é bastante fundo. Partimos de casa às cinco horas e levamos a merenda, rezamos lá o terço e cantamos modas populares e religiosas. Os que sabem nadar bem atiram-se de um lugar que tem para aí uns três metros de altura. Ora o Ernesto que não sabe nadar ainda muito bem, atirou-se de lá e foi muito a pique e como na borda do rio tem muitas pedras deu com a cabeça numa pedra e fêz um galo.

///

O Pepe tem muito jeito para o desenho e tem feito vários.

///

Os nossos rapazes foram roçar mato ao monte de Calves. No outro dia foram buscar o mato em dois carros que vinham atacadinhos. O que vinha atrás estava mais cheio por isso começaram a perguntar ao sr. P.<sup>o</sup> Américo qual dêles vinha mais cheio e o sr. P.<sup>o</sup> Américo logo viu que era o de trás.

///

A Senhora que tem dado as bolas e brinquedos ao Oscar, quando vai vender o Gaiato, já lhe deu um trapézio com o qual êle fará nêle ginástica. O sr. P.<sup>o</sup> Américo ficou muito contente.

///

## Visitantes

Santa e frutuosa curiosidade! A verdade é coisa tão doce, que o ouvir falar dela não satisfaz; prova-lá, sim!

Tem havido bichas! Os tres cicrones recentemente nomeados despedem-se dum grupo para atender a outro grupo.

O Zé da Lenha, um dia que eu chegava de fora, gritou-me, a estoirar de contente — *já fiz mais de um conto*.

O Oscar, outro cicrone, fez-me queixas amargas do Zé Eduardo, o terceiro dêles:

— Anda p'raí a armar, a dizer que é o cronista da aldeia, mas aceitou figos!

Chamei o acusado.

— Que oiço eu de ti?

— Foi só figos!

Ele é um desgraçado por lambareices. Já lá fora, nos tempos da moínice, tudo quanto arranjava, era para chocolates e coisas assim!

## Aos estimados assinantes

Aquêle nosso ultimo apêlo, quanto ao nome da estação postal, deu um faiscão; tudo pôe Cete. Houve só um teimoso que poz Penafiel, um unico, mas isso não importa. E' a opposição. Tôdas as obras fortes, teem opposição.

No que diz respeito aos atrasados, também não há que reclamar; e se algum chega mais tarde, fa-lo com tanto aprumo que nem se sente a demora. Sim senhor. Assim, dá gôsto trabalhar. Vou recomendar aos nossos cronistas que se apurem na letra e no estilo e eu, da mesma sorte. Na pontuação, todos nós temos sido um bocadinho falhos; as queixas assim o dizem. A's vezes, também, apparecem frases sem verbo, sujeitos escondidos, complementos fora do lugar — reflexo da nossa *organisação*. Ora a perfeição das coisas está no continuar e nós vamos continuando para ella, e não vamos a obra. Uma coisa porém vem certa em todos os numeros; — são os pontos nos is. Os leitores gostam e intendem. Já são em numero de oito mil, e isto de fio a mesma nota: *eu leio de fio a pavio*.

Aos oito mil leitores, que esperam pelo jornal; aos de prestigio, aos de saber, aos de coração; a todos declaro que escrevo de joelhos a mensagem quinzenal. Com o interesse e o carinho dos nossos leitores, por êles e com êles, havemos de abrir brecha nas consciencias, levar a palavra nova aos mestres, fazer uma pequenina revolução! Como? Deitando vinho novo em odres novos, como ensina o Evangelho.

P. S. — A Diocese da Guarda, não leva a camisola amarela, leva mas é o facho encarnado. Agora mesmo o Padre Norberto Vaz, manda uma lista de 41 assinantes, quasi todos sacerdotes, e diz descaradamente, que vai colher mais assinaturas. A carta dele é uma sarça. Serão os tismados da Serra, que vão quebrar as pernas ao falso deus do comodismo?!

///

## Senhores do Fundão

Com meia dúzia de gravatas, vem uma lista de vinte-e-quatro assinantes seguros. E' a vossa alegria pela ovelha tredilha, que deu agora com o seu redil, — o Gregório!

O dado aos homens é amar. E' alegrar-se com o bem. E' sentir afinidade. São assim os do Fundão. São assim os de todo o mundo. Nós somos todos iguais!

O Gregório, promete.

E' dos do campo. No próximo Outubro frequentará a escola nocturna.

## Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.<sup>o</sup> volume, alguns dos quais em 2.<sup>a</sup> edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o pão, e de como êle se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País.

## Um pedido

Os meus leitores, não tomam o recado ao primeiro aviso, sim, mas com o tempo, cumprem.

Foi assim com a questão do pagamento do jornal. Agora sim. Tudo pôe Cete. Não tenho palavras com que possa agradecer.

Porém, outro tanto não posso afirmar, no caso dos pedidos que me fazem, para receber vadios. Este ponto é simplesmente pavoroso. As cartas chovem. E' do clero. E' da nobreza. E' do povo. Eu tenho gemido, para que me não peçam; as cartas veem na mesmal!

Que fazer? Pedir que se não melindrem nem me chamem nomes feios, se eu não responder às cartas. E ponto.

Que hei-de fazer aos que veem pelo seu pé, se desato a receber os que veem pela tua carta?! Se as lágrimas no papel custam, quanto mais as que caem dos olhos da creança, aqui, na nossa presença?!

Noutro dia chego de fora. Um, esperou tres dias, a comer o caldo fora das portas da cozinha e a dormir num palheiro! Quantos casos semelhantes!

///

## Crónica do Lar

Apróxima-se o novo ano escolar. Os livros que tínhamos arrumado ao canto da estante, começam de novo a ser folheados, e a causarem-nos umas leves dores de cabeça.

Não sei bem porquê, mas esperamos com impaciência o dia da reabertura das aulas.

E' certo, que é mais um trabalho que acrescentamos ao que já temos, mas a ambição dum futuro melhor a isso nos conduz.

No ano transacto, como os leitores tiveram ocasião de verificar, o aproveitamento foi satisfatório. Este ano queremos ver se também não envergonhamos o Lar. Para isso, já começámos, e com certa veracidade, a rever algumas lições.

Vontade não nos falta, e talento, também possuímos um bocadinho. Agora, esperamos que Deus nos auxilie e nos dê saúde, para assim podermos cumprir melhor a nossa missão.

Cá continuaremos na nossa faina, ambicionando sempre uma vida, que nos possa trazer a felicidade.

O Crónista,

Filipino Martins

Empregado do Comércio

///

## POVOA DE VARZIM

### Novo aviso aos incautos

Para bem de todos quantos ali se encontram a fazer o mez de Setembro, recomenda-se que no próximo dia 16 de Setembro, não devem sair de suas casas, podendo, contudo, à noite, conservar as luzes acesas!

O aviso do mez anterior não foi escutado; no dia 19 saíram e ficaram sem 16 contos! Pois agora há o mesmo perigo; eu estou lá.

## Continuação das Jornadas de Caridade

Se me não engano, deixei os meus leitores nos hotéis das águas termais de S. Vicente e de Entre-os-Rios. Deram-me ali uma pancadaria de Notas e também uma jóia de subido valor. Já não podem ser aplicadas no cálice da nossa capela, mas podem, sim, servir no altar. Se alguém tiver a devoção de marcar presença, também eu a tenho em dar às vossas jóias destino adequado.

Daqueles hotéis, dirigi-me à mata do Bussaco. Celebrei na Igreja do antigo convento, onde preguei Jesus Crucificado, que é precisamente o ponto mais eloquente da Sua vida mortal.

Convidaram-me para almoçar e eu disse logo que sim. Nos salões do hotel, havia pequeninos grupos a ferver, do que tinham escutado.

—Mas que palavra é a sua, padre?

Uma senhora ainda nova, de turbante verde, cresce à frente e explica:

—*Es la caridad.*

Eu também cresci um nadinha à frente a significar desgosto por ver que só aquela estrangeira me tinha compreendido.

Sim; *Es la caridad!*

Não era eu; é a caridade. O enigma não está no pregador; está mas é dentro dos ouvintes — cada um dos ouvintes. E' dentro de si que cada um há-de ver, compreender e saborear a caridade, que outra coisa não é senão o amor de Deus para conosco!

Nós somos sinais luminosos; o facho da caridade incendeia-nos. Eu vi labaredas naquela hora! Ora aqui está. Podemos falar tão alto da verdadeira Caridade, que me não atrevo a dizer nada das suas caricaturas, da caridade dos salões — rabos de papel!

Senhor dos Céus; eu hei-de morrer—. Fica este jornal nas mãos de infinitos colecionadores como protesto vivo e doloroso contra um mundo gozador, feito de inimigos da Cruz!

Ali se colheram boas esmolas, que fui deixar em Coimbra nas mãos do meu colaborador, para dar pão aos nossos da casa de Miranda.

Dali, tomei rumo à praia de S. Martinho do Porto.

No próximo número direi das belezas da praia.

## CHEGOU

... agora mesmo o pequeno do correio, a berrar pelos corredores fora: —*vem aqui o Zé Refilão!*

Logo sai da minha toca, curioso:

—Que é dele?

—Olhel!

Era na carta. O envelope trazia por fora —*do Zé Refilão,* dai o barulho. Mas que carta! Que bem me não fez à alma, a mim, que peço muitas vezes por pensamentos, por palavras e por obras, e que levo a vida agachado, a murmurar minha culpa, minha tão grande culpa!

## Um reparo -- sem comentário

Em o N.º 36 do «Gaiato» escrevi:

### Assinar

«O Gaiato» — é responder a milhares de creanças que chamam por ti. E' acender o lume nas lareiras, diminuir a vadiagem, fortalecer a raça, combater perigos, evitar guerras — AMAR.

Tudo isso vem no «Gaiato».

No mesmo N.º 36 escrevi:

### Um pequeno perdido

Chegou-nos aqui um pequenino perdido.

—Que é do teu pai?

Está na cadeia.

—E a tua mãe?

—Fugiu-me.

—Que fazias tu?

—Andava por lá.

Fugiu-me, disse o pequenino. Aquê *me* indica posse.

Ele sente-se espoleado de um bem que lhe pertencia. Se fôres capaz de chorar agora, ao ver a notícia no papel, como eu chorei então, ao senti-la no coração do desditoso, —és feliz.

Dias depois, inseria o órgão do grupo onomástico «José» o seguinte:

### Josés

Ser sócio dos «José» é responder a milhares de José que chamam por Ti! E' acender o lume nas lareiras, deminuir a vadiagem, fortalecer a raça, combater perigos, evitar conflitos morais e materiais! E' Amar!!!

Se és José, tens que ser Bom! Deves filiar-te imediatamente no teu Grupo; no Grupo dos José.

No mesmo número dos «José» lia-se:

### Ave sem ninho...

Procurou-nos há dias um Zé miúdo, talvez um futuro habitante da Aldeia dos Zés:

—Que fazes tu?

Ando por aí.

—O teu pai?

Está na cadeia.

—E a tua mãe?

Perdi-a.

Perdi-a, disse o pequenino. Aquê *perdi-a* indica posse de uma coisa que era muito sua.

Sente-se êle espoliado de um bem que lhe pertencia!

José! Se fôres capaz de chorar agora, ao leres isto, como nós choramos ao senti-lo no coração do desditoso —és feliz! és bom! és José!

## Carta da Obra do Ardina

### Lisboa

Cá estamos outra vez, a conversar contigo «Gaiato» e a contar-te o que por cá se passa...

Conseguimos o dinheiro necessário para a «Colónia de Férias!» Alguem nos deu 10.000\$00 (Bem-haja) muitos juntaram-lhe aos 500\$00, 200\$00, 100\$00 e menos. Outros deram géneros.

E os nossos rapazes lá estão na Parede, a aproveitar para o corpo e para a alma. Graças a Deus!

Vimos contar-te hoje uma das muitas consolações que tivemos ultimamente, e explicar-te, e a todos quantos nos lêem, a razão porque temos coragem de... continuar sempre em frente, a alargar a «Obra do Ardina», a multiplicar as «Casas do Ardina!» (a 1 de Novembro abre a 2.ª na R. Dr. Oliveira Ramos em Lisboa — e breve uma em Coimbra, outra no Pôrto, assim o esperamos).

Num dia destes, chegamos à «Casa do Ardina» pelas 11 horas da manhã e soubemos que em vista de um passeio da J. O. C. e da doença súbita de um dos vigilantes, a «Casa» da Calçada da Glória, estava, desde manhã cedo, *confiada só a ardinás!*

E, caso é, que a ordem e disciplina eram absolutas!

Faltavam os ardinás encarregues do serviço do Refeitório (é que os nossos 50 rapazes fazem todo o serviço da sua casa!) Foi necessário substituí-los. Logo dois «voluntários» se oferecem...

Entretanto chega o Fernando

Lopes — 12 anos, que parecem 7 ou 8...

Vai ao Refeitório e vem desolado:

—«Eles não souberam pôr a mesa como deve ser. Está tudo mal»...

—«Vai lá tu pôr as coisas em ordem, os outros fizeram o melhor que sabiam, coitados»...

E o nosso pequenino Fernando lá foi desempenhar-se de sua costumada missão.

A mesa de almôço — o *Hermínio de Jesus* — entrado há pouco, deixa os pratos de sôpa na mesa e começa a servir o segundo prato.

O *Fernando Lopes* — muito importante, chama-nos a atenção: «olhe que o *Hermínio* não levou ainda para dentro os pratos de sôpa, como quere, minha senhora»...

—«E' verdade, Hermínio, esqueste-te dos pratos de sôpa!»

E, enquanto êste, aflito, por não ter cumprido à risca o serviço da mesa, levava os pratos para dentro, o *Fernando Lopes* olha-nos com ar entendido e exclama: «Se não fôsse eu!»...

Tem razão o *Fernando Lopes*, pois, na verdade, «se não fôsse êle e outros ardinás», a «encherem-nos de consolações e alegrias», nós não tínhamos coragem para continuar à frente duma «obra» destas!

Tudo quanto nela sofremos, a luta em que vivemos dia a dia é *pouco*, para o *muito* que se lhes pode fazer, e, por êles às famílias! E' que

## Assinaturas pagas

P.º Júlio Afonso, Mogadouro, 20\$; António Simões, (1945-46) Pinhal Novo, 50\$; Dr. Alexandre Resende, 30\$; António Castanheira Martins, 50\$; Manuel G. Castro Azevedo, 20\$; Justiniano da Cruz Magalhães, 20\$; António Soares de Aguiar Ribeiro, 20\$; Lourenço da Cruz Magalhães, 20\$; Dr. Carlos de Castro Henriques, 50\$; Ernesto Alves Pereira, 50\$; Maria Henriqueta Crispiano, 30\$; Armando Ferreira Augusto, 20\$; Inocência Lopes, 30\$; Aurora da Purificação da Silva Castro, 30\$; Artur Salgado Faria, 20\$; Amadeu Reis, 25\$; Augusto Coimbra Pacheco, 50\$; José Cabral de Matos, 20\$; Arquitecto Mário de Moraes Soares, 40\$; — todos do Pôrto. Julieta de Sousa, Campo de Bêsteiros, 20\$; Francisco Pinto de Carvalho, Cantanhede, 50\$; Joaquim Corregedor Abegão, Coimbra, 30\$; Directora do Colégio de S. José, 40\$; Pedro de Castro Corte Real, 30\$; José Pinto Teles, 20\$; Dr. Rui Climaco, 20\$; — todos de Coimbra. Adelaide Vermedi Falcão Vasconcelos Lebre, Mealhada, 50\$; Maria do Patrocínio Xavier Guimarães, Braga, 20\$; Pedro de Oliveira Gomes, Braga, 20\$; Capitão Joaquim de Brito Subtilo, Lisboa, 50\$; Amélia Belo, Lisboa, 20\$; Zaida Marques Godinho, Beira, 100\$; Pedro Leal dos Santos, Panasqueira, 5\$; Auro Coelho Moreira, Castelo de Paiva, 20\$; Adriano Barbosa (1944-45), Paço de Sousa, 50\$; Damião dos Reis, Paço de Sousa, 20\$; António Joaquim Carvalho, Famalicão, 20\$; José Rodrigues do Rêgo, 20\$; Teresa de Jesus Ferreira, 20\$; — todos de Famalicão. Alcina F. de Magalhães Pinto de Campos, Viseu 50\$; António Vieira de Madureira, Penafiel, 20\$; Dr. João Ferreira Pulido, 50\$; P.e Joaquim Carneiro da Silva Moraes, Lamego 50\$; Maximiano Matos Ferreira, 20\$; Emília Ferreira de Sousa Leite, 20\$; Manuel Gonçalves Ribeiro, 20\$; — todos de Ribeira de Pena. Laura Castanheira de Figueiredo, Tábua, 25\$; Porfírio Fernandes de Azevedo, 25\$; José Maria Dias da Cruz, 25\$; Dr. Alvaro do Vale Souto, 25\$; — todos de Esposende. Dr. António Joaquim Carvalho, Vila Real, 20\$; Maria da Conceição da Fonseca Eulália, Cadafaz, 50\$; Albano Gomes da Fonseca, Vila Soeiro, 50\$; Maria Manuela Taborda Fazenda, Covilhã, 100\$; Dr. Luís Cabral Adão, Setúbal, 40\$; Maria Ana de Carvalho Reis, Montemor-o-Novo, 30\$; Luís Moreira de Almeida, Matozinhos, 50\$; P.e António Augusto de Oliveira, Aveiro, 20\$; P.e José Bernardino Pereira, Arrifana, 20\$; P.e Manuel Pinho, Carvalhos, 20\$; P.e Joaquim Rodrigues de Pinho, Eixo, 20\$; P.e Manuel dos Santos Vilar, Murtosa, 20\$; P.e José Miran da Sousa Dias, Santo Tirso, 20\$; P.e Manuel Fernandes Bastos, Felgueiras, 20\$; P.e José Gomes da Rocha, S.ta Cruz do Douro, 20\$; P.e José Nunes de Oliveira Baião, Cête, 20\$; José de Queirós, Vila N. de Gaia, 20\$; Joaquim da Costa Marcelino, Vila N. de Gaia, 20\$; Maria Dulcinea de Almeida, Avintes, 20\$; Emília da Cunha Leão, Parada, 40\$; Cap. Mário Ramos Silva, Leiria, 50\$; Juventude Independente Católica, Vila Franca de Xira, 50\$; Dr. António Alves da Cunha e Silva, 25\$; Alvaro da Silva Oliveira, 25\$; António Alves Ribeiro, 25\$; Mário Fernando de Oliveira Matos, 25\$; — todos de Celorico de Basto. Vasco Burmester Martins, Foz do Douro, 100\$; Matilde Camacho Pereira, Sintra, 20\$; Augusto Tôrres, Barrosas, 20\$; António de Faria, Barrosas, 20\$.

— ao contrário das outras obras, em geral — nós trabalhamos de colaboração com as famílias, e o nosso trabalho de educação não se limita ao ardina, mas abrange a família toda.

E uma renovaçõesinha material e moral, chega às famílias, atravez do próprio ardina — que continua a jantar e dormir em sua casa e atravez das «Madrinhas» dêles, aquelas Noélistas que vão a casa dêles e realizam assim uma acção educativa e apostólica intensa.

Ardinas e Noélistas, em missão, num trabalho de renovação social comum!... Que o Senhor continue a abençoar-lhes o trabalho e a dar-nos coragem e fôrças!...

MARIA LUÍSA

“O GAIATO”, foi visado pela Comissão de Censura.